

## **CARTOGRAFIA E USO DO TERRITÓRIO: A ARTE NO COTIDIANO DO GRAJAÚ, SP**

Dayane Oliveira Verneque <sup>1</sup>  
João Carlos Hoffman Junior <sup>2</sup>

### **RESUMO**

A investigação presente sintetiza a pesquisa de mestrado realizada no interior das dinâmicas artísticas do Grajaú, distrito mais populoso de São Paulo. O objetivo geral do estudo é evidenciar os movimentos de arte como elementos ativos na formação do espaço geográfico, a partir da categoria de análise proposta por Milton Santos: território usado. Para compreender como a arte forma o Grajaú e de que forma pode evidenciar um uso territorial, evoca-se o conceito de cotidiano, na perspectiva de Henri Lefebvre, que propõe a cotidianidade como elemento central para o funcionamento das cidades no mundo neocapitalista. Ao dialogar com ambos os conceitos, propõe-se que o cotidiano consolida os usos dos territórios, pois é no dia-a-dia laboral que as funções dos diferentes fragmentos da cidade são demonstrados: enquanto as periferias concentram as pessoas, as áreas centrais concentram o dinheiro e os comércios. Por essa razão, a cartografia é apontada como ferramenta estratégica para mobilização dos grupos que se organizam no Grajaú, pois para além de representar as dinâmicas espaciais, os mapas podem auxiliar na elaboração de ações que aproximem a população da arte produzida no distrito, que por sua vez representa uma possibilidade de romper com a alienação cotidiana do trabalho. O método de abordagem que direciona a análise é o materialismo-histórico-dialético regressivo-progressivo, que propõe o estudo do tempo presente, o regresso ao passado e a elaboração do futuro, com aplicação dos mapas em todas as etapas da pesquisa: a cartografia em movimento.

**Palavras-chave:** Grajaú, Arte, Cartografia, Território Usado, Cotidiano.

### **RESUMEN**

Este artículo resume una investigación de maestría realizada dentro de la dinámica artística de Grajaú, el barrio más poblado de São Paulo. El objetivo general del estudio es resaltar los movimientos artísticos como elementos activos en la formación del espacio geográfico, a partir de la categoría de análisis propuesta por Milton Santos: territorio usado. Para comprender cómo el arte configura Grajaú y cómo puede demostrar un uso territorial, se evoca el concepto de vida cotidiana, desde la perspectiva de Henri Lefebvre, quien propone la vida cotidiana como elemento central para el funcionamiento de las ciudades en el mundo neocapitalista. Para dialogar con ambos conceptos, se propone que la vida cotidiana consolida los usos dos territorios, pues no es en el trabajo diario donde se demuestran las funciones de los fragmentos distintos de la ciudad: mientras las periferias concentran personas, las zonas centrales concentran dinero. y negocios. Por lo tanto, la cartografía pretende ser una herramienta estratégica para la movilización de dos grupos que se organizan en Grajaú, ya que además de representar dinámicas espaciales, los mapas pueden ayudar en el desarrollo de acciones que acerquen a la población al arte producida en el barrio. lo que a su vez representa una posibilidad de romper con la alienación cotidiana del trabajo. El método de enfoque que orienta el análisis es el materialismo histórico-dialético-regresivo-progresivo, que propone el estudio del tiempo presente, el retorno al pasado y la elaboración del futuro, con la aplicación de dos mapas en todas las etapas de la investigación: una cartografía en movimiento.

**Palabras clave:** Grajaú, Arte, Cartografía, Territorio Usado, Cotidiano.

<sup>1</sup> Mestranda e Licencianda pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Bacharel em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, [dayane.verneque@gmail.com](mailto:dayane.verneque@gmail.com);

<sup>2</sup> Mestrando e licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, [jhoffmannjr@gmail.com](mailto:jhoffmannjr@gmail.com).

## **INTRODUÇÃO**

O presente artigo foi elaborado com propósito de sintetizar a dissertação de mestrado que se fundamenta na análise das manifestações artísticas do distrito Grajaú, localizado no extremo sul da zona urbana de São Paulo. O objetivo geral da dissertação é evidenciar os movimentos artísticos do distrito como fatores ativos na formação do espaço geográfico, a partir do território usado como categoria de análise. A Cartografia é apontada como instrumento técnico de representação e apropriação da realidade artística do distrito, a partir do olhar estratégico para o cotidiano e as demandas locais.

O Grajaú se constitui como território que aglomera artistas das mais diversas modalidades, como aponta o relatório técnico do estudo de mapeamento sociocultural ‘Santo Amaro em Rede – Culturas de Convivência’ (2011), no qual o Grajaú é apontado como o terceiro território que mais concentra grupos artístico-culturais organizados, com 29 grupos identificados, atrás apenas do distrito Campo Limpo, com 31 grupos, e Jardim São Luís, com 30 grupos.

A pesquisa em questão, elaborada através da parceria do SESC Santo Amaro com o Instituto Pólis, objetivou mapear uma rede de movimentos artísticos organizados no contexto da zona sul de São Paulo, e já no período de realização do estudo, entre 2009 e 2011, o Grajaú concentrava 10% dos grupos culturais periféricos identificados na pesquisa.

Apesar da grande concentração e produção artística no Grajaú, a funcionalidade do distrito dentro da dinâmica urbana da cidade condiciona seu uso a habitação das populações trabalhadoras menos abastadas. Estima-se que 387.148 pessoas residam no Grajaú (SEADE, 2019), o que o configura como distrito mais populoso da cidade. Uma parcela significativa dessa população reside em bairros favelizados, como o Parque Residencial Cocaia e o Parque Residencial dos Lagos.

A história de formação do distrito está ligada a processos como o êxodo rural no Brasil, que tem na região sudeste um centro de convergência dos fluxos migratórios. A forte industrialização da zona sul de São Paulo, especialmente pela criação do Polo Industrial de Santo Amaro em meados do século XX, tornou o Grajaú um distrito marcado pela habitação e exploração da força de trabalho dentro da dinâmica econômica de São Paulo.

Tendo em vista a realidade histórica que é demonstrada pelos indicadores, os movimentos artísticos que se desenvolvem no Grajaú são apontados como fatores presentes na

formação do território, pois fundamentam parte da identidade local, o que pode ser apreendido a partir do tratamento cartográfico de indicadores sociais e dados referentes a própria mobilização artística, evidenciada como alternativa frente ao cotidiano alienado do trabalho.

O caminho investigativo está fundamentado no método materialista histórico-dialético regressivo-progressivo, para chegar à compreensão de parte da história de formação de alguns espaços e coletivos responsáveis por promover arte no interior do território, assim como suas conexões com a própria formação do Grajaú e as potenciais transformações materializadas no espaço a partir das ações promovidas por essas iniciativas.

Com base nos objetivos e o método citados, os conceitos direcionadores da investigação são: território usado, elaborado por Milton Santos (2011); o cotidiano, desenvolvido teoricamente por Henri Lefebvre (1991; 2022), e a cartografia em movimento, proposta por Sinthia Batista (2014; 2020). A historicidade presente na raiz analítica da pesquisa.

Para Santos (2001; 2011) é através do conceito de território usado que a Geografia deve avançar teoricamente na busca de uma outra globalização. O autor elabora que a Geografia como ciência alcançou sua era de ouro entre o final do século XX e início do XXI, pois “a geograficidade se impõe como condição histórica na medida em que nada considerado essencial hoje se faz no mundo que não seja a partir do conhecimento do que é o território” (SANTOS, 2011, p. 13).

A apropriação do conhecimento cartográfico por parte dos grupos artísticos que se mobilizam no Grajaú é apontada como possibilidade para o processo de apropriação do uso do território, logo, do cotidiano, pois os moradores e artistas locais podem traçar estratégias de articulação para suprir suas demandas. Movimentos como a Associação Imagem, Casa Ecoativa e Periferia em Movimento, já utilizaram dos conhecimentos cartográficos para articular projetos dentro do Grajaú. Sugere-se que muito mais pode ser feito a partir da cartografia, e com base em entrevistas e oficina realizadas para a pesquisa, foram levantadas diferentes aplicações possíveis para representar e mobilizar a arte e a cultura no interior do distrito.

## **METODOLOGIA**

O método de abordagem que conduzirá a pesquisa se fundamenta no materialismo histórico-dialético, que propõe um caminho investigativo pautado na análise sistêmica dos acontecimentos e suas contradições, ao aliar os diferentes elementos em um todo concreto, ou seja, unir os fragmentos da realidade estudada a partir do próprio movimento dos acontecimentos no tempo. A dialética materialista possui esses traços essenciais,

A retirada dos fatos e das ideias de seu aparente isolamento, a descoberta de que tudo se relaciona, o seguimento do movimento conjunto que se esboça através de seus aspectos dispersos, a resolução das contradições a fim de atingir por um súbito progresso uma realidade ou um pensamento mais elevados, mais amplos, mais complexos e mais ricos (LEFEBVRE, 2009, p. 22).

Na abordagem dialética lefebvriana a proposta metodológica se alicerça no movimento regressivo-progressivo do tempo histórico. Trata-se de uma investigação pautada na descrição do presente que se materializa no cotidiano, aliada a análise do passado da realidade pesquisada e retorno à atualidade que se explica a partir do pretérito.

O método escolhido propõe análises baseadas na realidade concreta, para consolidar prospecções para um futuro possível a partir dos elementos envolvidos na dinâmica investigada, para que assim a análise não se detenha apenas ao “peso das gerações mortas e o fardo do presente alienado, mas também a carga de superação e destino” (MARTINS, 2011, p. 02)

Para Lefebvre a análise dialética materialista proporciona a formação de um conhecimento completo, que vai além de conceitos abstratos. Embora o autor afirme que chegar a tais conceitos representa a primeira etapa de uma pesquisa científica, ele também aponta que os próximos passos consistem em refazer o caminho em sentido contrário e recobrar o todo, somente agora analisado e compreendido (LEFEBVRE, 2009, p. 36). José de Souza Martins descreve o caminho metodológico regressivo-progressivo, e afirma que há

O roteiro dos momentos do método: o descritivo, da descrição teoricamente informada pela diversidade das disciplinas especiais e pela observação participante no trabalho de campo, o mapeamento do presente aparentemente atemporal; o analítico-regressivo, o da análise e datação histórica da realidade descrita; o histórico-genético, o da análise das modificações das estruturas datadas e da sua subordinação ao todo, classificação genética das formações e estruturas, definição de seu tempo social e histórico, e retorno ao atual, compreendido e explicado. (MARTINS, 2011. p. 04-05)

A etapa descritiva da análise volta-se para a identificação e caracterização do local estudado: o distrito Grajaú, na zona sul da cidade de São Paulo. Para isso serão utilizados estudos de mapeamento que demonstrem a territorialização da arte, assim como dados relacionados ao contexto presente de mobilização cultural, o que inclui mapas atualizados em campo. Ao utilizar a técnica bibliográfica, o método de procedimento monográfico e a cartografia, objetiva-se compreender o território e a população que o constrói artisticamente no presente.

Na etapa analítica-regressiva a história de consolidação do território do Grajaú será analisada a partir de entrevistas realizadas com alguns agentes ativos na dinâmica artística do distrito, os coletivos CAPSArtes, Rede Nois por Nois, Casa Ecoativa, Associação Imagem e Ateliê Águila. Frente ao levantamento das políticas de fomento à arte e cultura existentes na



cidade de São Paulo e apontadas nas entrevistas, assim como imagens de satélite e mapas que auxiliem na visualização das alterações do Grajaú no passar do tempo.

O objetivo é compreender a conexão entre o desenvolvimento territorial do distrito e as movimentações artísticas que surgiram em seu interior a partir do trabalho diário da população local. Também procura-se entender como a cartografia pode auxiliar na mobilização e visualização desses processos históricos, tendo em vista que parte dos coletivos entrevistados já utilizaram mapas e técnicas cartográficas em seus projetos.

A fase histórico-genética permite a análise das possíveis transformações socioespaciais que surgem a partir das intervenções artístico-culturais presentes no Grajaú e o uso da cartografia como ferramenta estratégica. Com base nos dados e análises expostas nas etapas anteriores, os relatos dos artistas entrevistados, constatações empíricas do campo, e resultados da oficina de cartografia realizada junto a moradores do Grajaú.

Esse caminho metodológico permite compreender as alterações que se materializam no cotidiano da população local a partir do desenvolvimento da arte; até que ponto o poder público atuou e atua nessas ações que impactam o dia a dia dos moradores; como a cartografia mobiliza o território na perspectiva do uso e da arte. Além disso, permitem demonstrar a importância das iniciativas de arte e cultura na vida da população periférica do Grajaú.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O morro tá cansado de aturar a polícia entrar e atirar  
E, antes de ir embora, deixar no chão o corpo de uma  
mulher preta  
Enquanto a família brasileira tá distraída com séries,  
redes sociais e sites de fofoca  
Se entopem de droga  
Televisão, celular, iFood e Coca-Cola  
Tem um favelado sendo assassinado agora  
Menos presídios, mais escolas  
Mais livros e menos pistolas.  
**(Leci Brandão — Favela Vive 5)**

Na atualidade da história humana, marcada pelo ano de 2023 no mundo ocidental, a identidade dos moradores das periferias da cidade de São Paulo é profundamente influenciada pela cultura do consumo construída com base nos anseios de grandes empresas e corporações, os produtores de música deixam isso bem evidente em suas letras de gêneros como *funk* e o *rap*. A escassez vivida pelos habitantes das periferias urbanas, faz com que o anseio pelo consumo assumam a proporção da falta.



Nas grandes cidades existe uma presença marcante de propagandas, *slogans*, letreiros, telões e demais reforços ao consumo, à compra e ao uso de determinadas roupas, carros, relógios, entre outros utensílios que marcam o poder de cada pessoa. Embora os habitantes das periferias possuam características identitárias específicas e únicas, como os traços linguísticos e as formas de ocupar e se organizar no espaço, existe uma influência forte dos anseios do capital global, desde a materialidade histórica até a identidade expressa pela arte produzida na periferia.

Mesmo os artistas que denunciam as influências perversas do modo de produção, partem dessa realidade para resistir a ela, a exemplo da música ‘*From hell do céu*’, do músico *Black Alien*, que critica parte do cotidiano alienado dos habitantes das periferias das grandes cidades.

Enquanto isso, o cidadão comum se sente ridículo  
Não encontra paz no versículo  
Batendo de porta em porta, debaixo do braço, um currículo  
Família inteira num cubículo  
Depende do Ecad, depende do *Green Card*  
E acorda cedo e dorme tarde  
Completando o círculo vicioso, perigoso” (*Black Alien - From hell do céu*, 2004).

Esses processos notáveis na composição do espaço urbano, podem ser analisados teoricamente a partir da perspectiva do conceito de território usado, proposto por Milton Santos (2011) como a relação do chão mais a identidade, aqui colocada como o sentimento de pertencer àquilo que o pertence. O território como fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais, local do exercício da vida (SANTOS, 2011, p. 14).

Aqui fica evidente a conexão entre o território usado e a ação humana, quando o autor evoca a noção de identidade e trabalho. O território usado é constituído a partir da ação humana, do movimento, da habitação. O território usado como sinônimo de espaço humano, espaço habitado, espaço geográfico (SOUZA, 2005, p. 252).

O autor pontua o território usado como categoria de análise central nos processos analíticos que buscam compreender o mundo atual, *a partir do olhar para as dinâmicas relacionais dos diferentes fragmentos do espaço*. Os territórios se fragmentam ao objetivar o funcionamento do mercado internacional e, nesse movimento que os reduz a instrumentos, afastam-se das demandas locais, internas do próprio território.

Em uma cidade globalizada como São Paulo, onde o mundo inteiro se encontra, é notável no movimento diário dos transportes que ligam as regiões periféricas aos centros comerciais, essas dinâmicas impostas por influências externas. As regiões especializam-se em atividades exógenas e tornam-se compartimentos produtivos de um mundo globalizado (SILVEIRA, 2011).

A própria ideia de ‘compartimentos produtivos’, já ilustra a noção de espaço fragmentado: cada porção do território recebe sua função produtiva, seu papel no grande sistema funcional, nesse caso, da cidade de São Paulo. A autora Maria Laura Silveira em seu texto ‘Espaço em Pedacos’, analisa esse processo como uma espécie de retorno à economia arquipélago, mesmo que agora sobre bases técnicas e científicas (SILVEIRA, 2011).

O período técnico científico e informacional, foi assim nomeado por Milton Santos (2020) para dirigir-se à atualidade do mundo depois da evolução tecnológica e científica, que inaugurou o tempo da informação fluida, fortemente influenciada pelas tecnologias da informação, que por sua vez integram ainda mais o mundo na ideia de uma globalização perversa: as informações que circulam possuem objetivo, a grande mídia e, atualmente, as redes sociais informam as populações de acordo com estratégias cunhadas para fins específicos, os aplicativos pedem autorização para acessar dados dos usuários, e pela necessidade de acessar tais serviços, aceitam-se os termos, por vezes, sem os ler.

Santos (2011) vai trazer a ideologia do dinheiro e sua necessidade reprodutiva, como contexto central de influência sobre as estratégias de tratamento e divulgação das informações. O autor sugere que, neste tempo histórico, não são mais as populações que circulam o dinheiro em prol de si mesmas, mas em um processo reverso, as populações passam a viver em prol do dinheiro, inseridas em uma competitividade cultural que as destrói e fundamentam a globalização como perversidade (SANTOS, 2001, p. 19-20), e o dinheiro como ideologia. O autor trata que

É um dinheiro sustentado por um sistema ideológico. Esse dinheiro global é o equivalente geral dele próprio. E por isso ele funciona de forma autônoma e a partir de normas. Produzindo uma falsificação do critério, esse dinheiro autonomizado e em estado puro não existiria assim se as condições técnicas utilizadas pelas condições políticas que dominam o período histórico não contassem com a possibilidade de enviesar a informação. (SANTOS, 2011, p. 17)

O dinheiro sustentado por um sistema ideológico deixa de focar nas demandas sociais, nas necessidades das populações, para servir as necessidades dos grandes mercados globais que regem o consumo do mundo. Essa lógica de funcionamento do espaço tende à fragmentação na globalização: o mesmo termo que leva o imaginário geral a pensar em uma grande “aldeia global”, é o significante do processo que divide o espaço em pedaços.

O dinheiro puro seria a reprodução do dinheiro com fim nele mesmo, não o dinheiro voltado ao funcionamento dos comércios locais, à circulação e manutenção interna dos territórios, não! O dinheiro com foco na reprodução dele próprio, o dinheiro pelo dinheiro, o elemento humano fica em segundo plano na lógica capitalista.

Em este contexto de consolidação das ‘condições técnicas utilizadas pelas condições políticas que dominam o período histórico para enviar a informação’, que a cartografia se populariza, o que também passa a possibilitar o uso destas técnicas por parte da população, para facilitar o consumo. Outrora, a cartografia era realizada e aparelhada pelo Estado e instituições que agiam junto dele (LACOSTE, 1993, p. 23), embora hoje as tecnologias da informação possibilitem acesso aos mapas, estes são utilizados com frequência para reproduzir o consumo, com aplicativos que usam a localização para entregar produtos. Aqui, os saberes da cartografia não são conhecidos de fato pela população, continuam a ser aparelhadas por instituições.

A cartografia serve de alguma forma para os processos de fragmentação do espaço em territórios funcionais, pois os mapas também servem a organização destes territórios, o controle e organização das infraestruturas, das pessoas. Como afirma Lacoste (1993), a articulação dos conhecimentos relativos ao espaço, é um saber estratégico, um poder, por isso são utilizados para facilitar os fluxos de consumo e trabalho, pois permitem explorar todo potencial que existe nos territórios e aprofundar a alienação.

Há o sufocamento do território e seus usos voltados às possibilidades de troca, o que faz com que as populações priorizem as relações com o que está externo, usufruir e trocar com o que está fora e não construir para dentro. Por essa razão é comum que a população utilize das técnicas cartográficas para consumir, pedir um transporte por aplicativo, olhar no mapa a rota mais rápida para chegar ao trabalho, à aula, ao cartório, ao hospital, mas por vezes esquece-se de utilizar tais ferramentas para mobilizar o interior do território, para compreender melhor os espaços do entorno.

Aqui nota-se um forte traço dos processos coloniais, em que a metrópole colonizadora baseava seu funcionamento na exploração da colônia, que por sua vez servia e produzia para fora, em direção ao colonizador, uma relação de exploração e interdependência funcional.

Na atualidade, os territórios têm suas dinâmicas voltadas a interesses externos como os objetivos do mercado financeiro, do mercado imobiliário e no suprimento do mercado de trabalho. As demandas do mercado global levam ao sufocamento do território, como consequência, a população periférica está inclusa nas dinâmicas das cidades como força de produção, mão de obra transformadora, mas pouco consomem dos potenciais que as cidades concentram. Esse olhar que a população periférica tem da cidade, é materializada na música ‘Afirmção de Vida’, do rapper Shawlin (2007), na qual o artista pontua

A cidade tem mil e uma coisas boas de ver  
De se ter, de sentir, de comprar e de vender



Porque a cidade tem vida, mas nunca ousou te dizer  
Você não vive na cidade, ela que vive em você (...)  
Eu não sei se eu entendi, uma coisa eu aprendi  
Que esses carros não vão voar, vão ficar engarrafados aqui  
Porque a cidade tem ódio, mas sempre amou te dizer  
Você não odeia a cidade, ela que odeia você (SHAWLIN, 2007)

Uma das consequências da fragmentação do espaço, instrumentalizado para servir aos interesses do mercado global, é a reverberação destes processos na vida das pessoas e suas relações com a cidade. Por essa razão a arte que se materializa no Grajaú é uma possibilidade para alterar o modo com os habitantes se relacionam com o território e com a cidade inteira.

O território usado alia os conceitos de lugar e território, enquanto o lugar se manifesta a partir do espaço vivido, habitado, rotineiro e cotidiano, o território contempla a esfera política que influencia diretamente os destinos da vida humana, neste sentido, o território seria o lugar em que se desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência (SANTOS, 2011, p. 13).

O lugar articula o território, enquanto o território articula o lugar, é a noção de lugar que dá uso ao território, ou seja, que o torna categoria de análise da Geografia. O território usado propicia enxergar a articulação entre as dinâmicas locais e os interesses externos. Se o território usado é sinônimo de espaço habitado, pode-se compreender o uso pela perspectiva do cotidiano, dos movimentos diários das pessoas que animam os objetos, dão vida ao território e o preenchem de conteúdo e significado.

A apropriação do trabalho humano é importante na regulação do espaço capitalista, para além da posse e do domínio sobre a terra, é necessário dominar o trabalho que transforma a terra e os objetos dispostos sobre o espaço. É nesta perspectiva que o conceito de cotidiano se articula à análise do território usado, na relação profunda com o espaço pela identidade, pela identificação com o local. Resgatar o cotidiano é resgatar o uso, é resgatar o lugar.

Nessa perspectiva, o conceito de cotidiano é proposto como possibilidade analítica na busca de compreender profundamente o uso do território, de forma a resgatar a arte produzida no Grajaú para avaliar se a população percebe a realidade artística que ali pulsa, até que ponto essa arte mobiliza o espaço e a vida das pessoas, essa arte configura um uso do território? Ela mobiliza vivências e identidades? Ela fundamenta ações no cotidiano e gera transformação?

Na leitura de Henri Lefebvre (2022) sobre espaço, o autor aponta a cotidianidade como elemento essencial para o funcionamento das cidades na sociedade neocapitalista, justamente porque cada porção da cidade recebe funções que visam a *reprodução das relações de*

produção, ou seja, as relações de trabalho, as infraestruturas que dinamizam a cidade ao afastar e aproximar pessoas e ofícios. “O espaço seria, desse modo, uma espécie de esquema num sentido dinâmico comum às atividades diversas, aos trabalhos divididos, à cotidianidade, às artes, (...). Seria uma relação e um suporte de inerências na dissociação, de inclusão na separação” (LEFEBVRE, 2022, p. 47). Ou seja, o espaço inteiro fundamenta o cotidiano.

Não há como escapar ao cotidiano, os acontecimentos na vida individual e coletiva estão encerrados nele, para além dos condicionamentos políticos, econômicos e sociais, a natureza é cotidiana, todos os dias o sol nasce e se põe, mas apenas a partir da crítica ao cotidiano é possível perceber as imposições, os condicionamentos, a alienação. A crítica compõe o esforço em direção a cotidianidade, em que “tudo importa, tudo tem peso sobre a cotidianidade, que revela o “tudo” em questão” (LEFEBVRE, 1991, p. 81).

Para que se possa romper com a abstração do cotidiano é necessário fazer o movimento contrário, apropriar-se dele, percebê-lo enquanto o vive, para fundamentar estratégias que visem a transformação da realidade. Tomar para si consciência dos condicionamentos e condicionantes, habitar a cidade de modo atento, perceber as alienações que afastam do real, tomar distância para enxergar “a alienação cotidiana, realidade sem verdade” (LEFEBVRE, 1991, p. 20).

Fundamentada na análise dos conceitos de território usado e o cotidiano como apropriação do uso, a cartografia é apontada como instrumento estratégico capaz de mobilizar a arte no Grajaú. Para pensar o futuro é necessário enxergar o presente e regressar ao passado, e como os conceitos de uso do território e o cotidiano se fundamentam no materialismo-histórico dialético, utiliza-se da tese de cartografia em movimento, proposta pela professora Sinthia Batista (2014; 2020), que buscou analítica e empiricamente aplicar os mapas à constância do tempo, de forma a retirá-los de sua condição estática, afinal, o espaço geográfico é dinâmico, e a leitura dos mapas fora dos contextos em que são formulados pode gerar uma visão alienada do espaço em questão.

“(…) permanece o estranhamento do sujeito com os lugares e as linguagens, de modo que não compreende seu espaço próximo, pois estes mapas desconsideram o cotidiano, seus conflitos e também não explicam a realidade que o constitui, mas, ao contrário, aprofundam a alienação” (BATISTA, 2020, p. 227).

O mapa como uma representação do espaço está ligado às relações de produção, e a “ordem” que elas impõem. O mapa como modelo da realidade, ou tentativa de representá-la, influencia diretamente o olhar e as ações sobre o espaço. Os mapas também são documentos que passam por certo olhar artístico, e assim como a arte, o mapa está carregado de códigos humanos, o que significa que o espaço a ser representado, sobretudo, é o espaço vivido das lutas



cotidianas, o mapa como um instrumento de leitura social pode influenciar as práticas e ações sobre o espaço.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O coletivo de jornalismo marginal ‘Periferia em Movimento’, em uma matéria de 21 de setembro de 2016, realizou um mapeamento com mais de quarenta localizações de espaços de promoção de arte na região do distrito Grajaú, o mapa intitula-se ‘Grajaú, território de artistas’ (figura 1), e é resultado de um mapeamento colaborativo elaborado junto a moradores da região do Grajaú., entre julho e setembro de 2016, a partir de oficinas de multimídia oferecidas pelo coletivo e realizadas junto ao Centro Cultural Grajaú.

Figura 1: Mapa – Grajaú território de artistas



Fonte: Periferia em movimento, 2016

A cartografia já foi utilizada por diferentes movimentos artísticos do Grajaú, dentre eles a Associação Imagem, já apresentada no corpo do texto, que idealizou o projeto Cartograffiti





no intuito de promover e gerar reflexões sobre o uso da cidade a partir do grafite, de forma a problematizar a criminalização da arte, a maneira como se ocupa as cidades e o que está estampado nelas. O projeto foi iniciado em 2009 e alcançou fomento público a partir do edital lançado pela Prefeitura através da Secretaria Municipal de Cultura em 2010, o “Arte na Cidade”. A ideia se ampliou pelas ruas a partir de estratégias traçadas pela cartografia

A cartografia foi o principal recurso para desenvolver murais-graffiti em 21 pontos da capital: desde o extremo sul, centro-norte, centro-oeste, terminando no centro-sul. Grajaú, Santo Amaro, Rebouças, Ponte Estaiada, Rodoanel, 23 de maio, Luz, Radial Leste – para citar alguns dos lugares não-lugares onde pode se ver os murais e desenhos em cores fortes como vermelho, azul ou amarelo; com o logo do Cartograffiti ou a palavra Ver. (SP GRAFITE, 2015).

A presença das intervenções e obras artísticas realizadas pelos envolvidos no projeto Cartograffiti, compõem o conjunto de demonstrações que a arte pode oferecer sobre sua contribuição ativa à formação do espaço geográfico. Os espaços urbanos são formados por diferentes manifestações artísticas, e ele próprio é protagonista no desenvolvimento de novas formas e estilos de expressão, como o próprio grafite, que surge como arte em contextos urbanos e periféricos.

Figura 2: Cartograffiti no bairro Parque Residencial Cocaia, Grajaú



Fonte: Facebook do Projeto Cartograffiti, 2013

Figura 3: Mural do Cartograffiti em São Paulo



Fonte: SP Grafite, 2015

O projeto Cartograffiti virou exposição do Centro Cultural de São Paulo (CCSP) entre 24 de janeiro e 29 de março de 2015. A exposição contou com registros audiovisuais dos locais que receberam seus trabalhos, o processo de reconhecimento espacial desses locais, o desenvolvimento de mapeamento e a realização dos *graffitis*. Em reportagem da Periferia em Movimento, um dos artistas idealizadores do projeto, Mauro Neri relatou um pouco sobre o propósito e as implicações do trabalho,

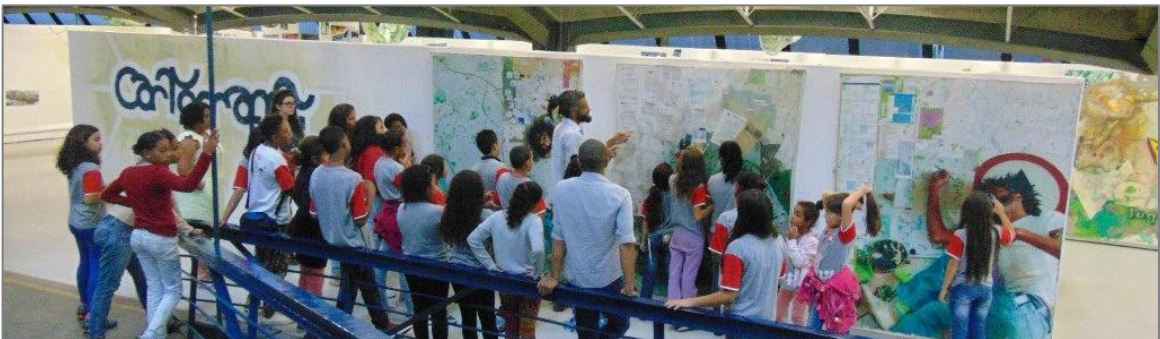
A exposição é o resultado de um trabalho que reuniu renomados artistas e representantes da cena de arte urbana, para investigar e evidenciar esteticamente a cartografia física e conceitual da megalópole. “Configurar um mapa da cidade a partir



da escolha de lugares a serem marcados parece apontar para a fragilidade técnica das descrições físicas e escancarar as relações de poder, tanto aquelas que desenhavam e redesenhavam a cidade, escolhendo o que se pode ver, quanto aquelas que estão nas bordas e nas brechas, com a convocatória para o que é preciso ver.”, define o idealizador do Cartograffiti, Mauro. (PERIFERIA EM MOVIMENTO, 2015)

O projeto Cartograffiti parece inspirar a crítica a própria organização do espaço urbano, assim como as intencionalidades técnicas e os conflitos vivenciados na cidade. Uma exposição localizada no centro de São Paulo realizada por artistas periféricos, que possibilitam e convocam aos habitantes das margens que vejam, ocupem e percebam a cidade. Uma fonte de transformação possível para o território e o cotidiano.

Figura 4: Educandos do projeto Grajaú em Foco em visita a exposição Cartograffiti



Fonte: Facebook do projeto Fé e Alegria São Paulo, 2015

No estudo de mapeamento cultural elaborado pelo SESC Santo Amaro junto ao Instituto Pólis e publicado em 2011, é possível observar no mapa que, embora o Grajaú se constitua como distrito periférico, concentrador de favelas e áreas nativas de vegetação preservada, existe um potencial artístico que se materializa no território e pode qualificar um uso, o que é possível de ser observado e apreendido a partir dos mapas. O estudo não contempla apenas a questão artística, mas dividiu-se em diferentes modalidades culturais como linguagens artísticas, educação formal, educação não-formal, esporte e lazer, meio ambiente, tradição e espaços para terceira idade.

No mapa retirado do relatório (figura 5), é possível observar que, no contexto da zona sul, o Grajaú apresenta uma concentração significativa de iniciativas culturais já no período do estudo. Atualmente, com o acesso a políticas públicas, mais grupos e coletivos alcançaram a possibilidade de se organizar no distrito.

O movimento constante e insistente dos grupos artísticos que se organizam no Grajaú, resultou no acesso a políticas públicas de fomento a cultura periférica. O distrito é um dos poucos territórios periféricos que possuem um centro cultural, por exemplo. Em entrevista com Maria Vilani, pioneira das ações culturais do Grajaú através do CAPSArtes, fundado em 1990, antes mesmo da consolidação do Grajaú como território administrativo de São Paulo em 1992,



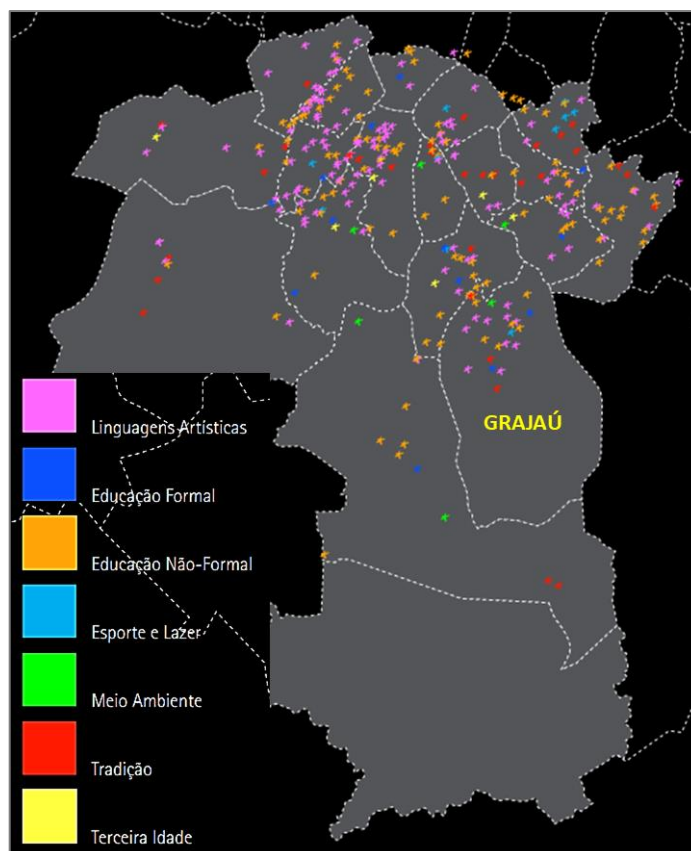


a entrevistada relatou um pouco do processo de conquista do Centro Cultural Grajaú, localizado na Rua Prof. Oscar Barreto Filho, 252 - Parque América, segundo a entrevistada antes de tornar-se a Casa de Cultura Palhaço Carequinha, antigo nome do Centro Cultural, o local consistia em um ponto de venda de frutas e verduras, popularmente conhecido como ‘sacolão’.

O centro cultural foi uma luta nossa, não só do CAPS, eram muitos movimentos juntos, nós conseguimos a casa de cultura de Interlagos, eu acho que em 1992 se não me engano. E em 2008 essa casa foi lá pro Grajaú como casa de cultura Palhaço Carequinha, aí em 2009 nós passamos a ocupar com Café Filosófico. (Maria Vilani, janeiro de 2023).

Embora tenha chegado no Grajaú em 2008 a partir da luta insistente dos artistas locais, a política que origina às Casas de Cultura, foi institucionalizada 16 anos antes, a partir da Lei n.º 11.325, de 29 de dezembro de 1992. Trata-se de um dos mecanismos legais de maior importância para a arte periférica de São Paulo, pois é uma “política que tem como eixo a cidadania cultural (...) instaladas em regiões periféricas da cidade, com objetivo de descentralizar os espaços de cultura, (TJABBES, 2021, p. 49-51).

Figura 5: Mapa da distribuição dos grupos pesquisados pelo mapeamento sociocultural ‘Santo Amaro em Rede’, realizado com foco na zona sul de São Paulo



Fonte: Instituto Pólis, 2011, p. 73. Adaptado por Dayane Verneque, 2023

Cabe ressaltar a importância de investigar a origem do fenômeno artístico no Grajaú, apontado pelo mapeamento como o terceiro maior território no número de grupos culturais organizados. Embora constitua o distrito mais populoso de São Paulo, o Grajaú possui apenas 31 anos, um dos territórios mais recentes de uma das cidades mais antigas do Brasil, com 468 anos de existência.

Todo contexto de consolidação do distrito está ligado a ocupação de áreas rurais e preservadas legalmente, parte desse processo está ligado a represa Billings, corpo d'água que banha toda porção leste do Grajaú, divide o território por uma balsa, e está presente no cotidiano de grande parte da população, sendo um elemento importante para construção da identidade dos habitantes, pois parte dos moradores estabelecem relação com a represa.

A presença da represa Billings influencia a ação de diversos grupos atuantes no território, como a Associação Imargem, a Casa Ecoativa e os Menin@s da Billings. A Casa Ecoativa é um polo ecocultural, conquistado através da luta dos moradores locais da Ilha do Bororé, bairro que a Casa está localizada. Os moradores, organizados em Associações, reivindicaram o uso de uma antiga estrutura, destinada aos operários que atuaram no represamento Billings, em entrevista com o Jaison, educador atuante na Casa e morador do bairro, ele afirmou que

“(…) foi tendo também o não uso desse espaço, porque foi ficando, e aí a comunidade já falou que precisava de um espaço, uma casa cultural, uma casa de cultura, os espaços, os bairros tem que ter casa de cultura, a gente tá longe do Grajaú, é longe do Centro Cultural Grajaú Palhaço Carequinha, enfim... Interlagos é longe, tá ligado?”  
(Jaison – Casa Ecoativa, dezembro de 2022)

Há o envolvimento direto de outras instâncias institucionais no processo histórico da Casa Ecoativa, como a empresa EMAE<sup>3</sup> que constrói a represa, o Estado através de políticas públicas, o contexto histórico-político dos períodos de reivindicação na cidade. O entrevistado afirma que

“(…) nos primeiros anos teve o incentivo da EMAE, de grana, cedeu o espaço, fez uma concessão pública de uso pra Secretaria, e a Secretaria do Verde articulava, aí funcionava os programas, as atividades, que eram as mesmas atividades que a gente consegue fazer hoje via VAI, (...) sempre teve uma cena de sarau, de hip-hop, o Criolo tocou aqui nos palcos quando era ainda Pacto Latino. (...) tinha a cena da literatura, então sempre foi um espaço pujante de arte, e tinha as atividades de educação ambiental, tinha horta, tinha semana da água, tinha limpeza da represa, tinha biblioteca, então teve os programas de desenvolvimento da Ecoativa até 2006. (...) fecha o projeto em 2006, a gente perde o projeto. Ficou muito tempo fechado e aí sempre a galera “pô, Ecoativa”, a galera do Imargem, a galera do Imargem é fundamental no processo de retomada da casa né, de 2006 a 2013, e aí de 2013 tem uma força (...) vai vim dos fomentos né, de cultura e tal, que tem uma força muito grande. Um boom cultural do Grajaú, sair das páginas de violência e entra nas páginas culturais. E essa força vem pra ocupar essa casa, vários coletivos do Fórum de Cultura do Grajaú, (...) a gente juntou todo esse mix de coisas e conseguimos fazer a ocupação da casa, foi na Virada Sustentável, passando num micro edital (...) depois a gente

<sup>3</sup> Empresa Metropolitana de Águas e Energia S.A., sucessora da Light e da Eletropaulo.



passou no Redes e Ruas, depois a gente passou no VAI, tudo filho de política pública entendeu, pra continuar captando recurso até agora.” (Jaison – Casa Ecoativa, 2022)

A partir do relato do educador Jaison, é possível perceber a importância da atuação do Estado a partir de políticas públicas como o Programa VAI, Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais (Decreto Municipal n.º 43.823/03), “criado em 2003 para apoiar financeiramente coletivos culturais da cidade de São Paulo, principalmente de regiões com precariedade de recursos e equipamentos culturais” (PREFEITURA DE SÃO PAULO, s.d). Também o Edital Redes e Ruas (Portaria Intersecretarial nº 01/2014), elaborado por determinação da Prefeitura de São Paulo, com integração entre as secretarias de Cultura, Tecnologia e Direitos Humanos e Cidadania para apoiar projetos de inclusão, cidadania e cultura digital. Também fora citado pelo entrevistado a Lei de Fomento à Cultura da Periferia (Lei n.º 16.496 de 20 de julho de 2016), que contemplou a Ecoativa pela segunda vez durante sua 7º edição, para atividades realizadas em 2023.

A atuação do Estado como consequência da luta popular, gera movimentações no uso do território do Grajaú com o passar do tempo. Assim como a luta popular adquire maior alcance com a atuação do Estado, pois é o regulador de finanças capaz de retornar para o povo o dinheiro público. Nesse processo de luta por direitos e mobilização cultural, é necessário pensar estrategicamente, daí a importância do mapa, ferramenta estratégica por excelência, que pode auxiliar na visualização dos fenômenos, a distribuição dos elementos, e partir disto pensar os próximos passos e etapas. Os mapas fornecem dados do passado e possibilitam planejar o futuro.

Na tentativa de aproximar analisar o saber cartográfico frente as mobilizações artísticas do Grajaú, foi realizado um mapeamento das localizações de alguns coletivos ativos na atualidade (figura 6), através de quatro saídas de campo realizadas entre 2022 e 2023. Também foi realizada uma oficina junto a moradores do distrito na Casa Ecoativa, no dia 11 de novembro de 2023 (figura 7 e 8), em que foi possível perceber a importância de elementos como a represa e os locais de lazer nos referenciais espaciais construídos pelos moradores.

O mapeamento foi realizado com ênfase em referenciais espaciais importantes para os moradores, como destaque a Avenida Belmira Marin, principal via de locomoção do distrito, além do acréscimo de fotografias de alguns locais para melhor identificação. O ponto no mapa identificado como ‘procura-se poetas’, representa o primeiro local que comportou o CAPSArtes, esta frase foi utilizada como estratégia da dona Maria Vilani para atrair os artistas locais, através de uma placa pendurada no portão.





Figura 6: Mapa de localização de locais artístico-culturais no Grajaú



Elaborado por Dayane Verneque, 2023

Figuras 7 e 8: Imagens da realização de oficina de cartografia junto aos moradores do Grajaú



Capturada por Dayane Verneque, 2023



Capturada por Dayane Verneque, 2023

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os elementos naturais do território influenciam a construção da identidade, pois materializam as possibilidades de ocupação e uso do espaço. A represa, as favelas, a presença de mata nativa e características rurais, tudo isto influencia a arte produzida dentro do Grajaú, assim como intervêm na dinâmica do distrito. Habitar em locais marginalizados, mesmo em uma cidade mundial como São Paulo, implica em lutar arduamente para acessar direitos, que no caso das mobilizações artísticas do Grajaú, se materializa a partir do acesso a políticas públicas que possibilitem a consolidação e perpetuação das ações culturais.

A arte demonstra novas formas possíveis de uso do território, logo, uma possibilidade de transformação do cotidiano local, mas essa transformação só pode ser viabilizada a partir do conhecimento de parte significativa da população dessa forte presença artística no território.

Nestes processos de mobilização e luta por cidadania cultural, a cartografia se apresenta como possibilidade estratégica para os grupos artísticos. A partir dos mapas é possível analisar o movimento do tempo, as transformações no espaço, além das dimensões que as ações dos coletivos alcançam, a possibilidade de enxergar o território “de fora” para traçar estratégias de ação.

Ao mapear ações de coletivos que ocupam espaços públicos, é possível visualizar quais destes espaços estão ociosos no distrito, quais os bairros que mais demandam infraestrutura e atividades culturais. São muitas as possibilidades trazidas pelos mapas, na visualização do uso e do cotidiano. Entretanto, a cartografia permanece a serviço de poucos, e se populariza na reprodução do consumo. Somente a partir da luta, da educação e da arte essa realidade pode ser transformada.

## REFERÊNCIAS

ALIEN, B. *From Hell do Céu*. 08 de jun. de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fkxQFjPv1vk>>. Acesso em nov. de 2023.

BATISTA, S. C. **Cartografia geográfica em questão: do chão, do alto, das representações**. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/100294>>. Acesso em mar. 2023.

BATISTA, S. C. **Desafios ao ensino de cartografia na formação da geógrafa e do geógrafo do século XXI**. v. 5, n. 1. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR, 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/geografar/article/view/74286>>. Acesso em mar. 2023.

FAVELA VIVE 5. Fechamento de Leci Brandão. 26 de jan. de 2023. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=R\\_4Clufmtq8](https://www.youtube.com/watch?v=R_4Clufmtq8)>. Acesso em nov. de 2023.





INSTITUTO PÓLIS. **Santo Amaro em Rede – Culturas de Convivência**. São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://polis.org.br/wp-content/uploads/2020/03/relatorio-final-do-mapeamento-dez-2011-2-2.pdf>>. Acesso em nov. de 2023.

LACOSTE, Y. **A Geografia isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Editora Papirus. 3° ed. Campinas, 1993.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo, 1991. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7545199/mod\\_resource/content/0/359893124-Henri-Lefebvre-A-Vida-Cotidiana-No-Mundo-Moderno.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7545199/mod_resource/content/0/359893124-Henri-Lefebvre-A-Vida-Cotidiana-No-Mundo-Moderno.pdf)> Acesso em nov. de 2023.

LEFEBVRE, H. Espaço e Política: o direito à cidade II. Texto: **O Espaço**. Editora UFMG. 2° ed. 2022.

LEFEBVRE, H. **Marxismo**. 1° ed. Porto Alegre: L&PM Pocket, junho de 2009. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/214895/mod\\_resource/content/1/Texto%206%20-%20Marx%20-%20A%20economia%20marxista%20-%20H.LEFEBVRE.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/214895/mod_resource/content/1/Texto%206%20-%20Marx%20-%20A%20economia%20marxista%20-%20H.LEFEBVRE.pdf)>. Acesso em nov. de 2023.

MARTINS, J. S. **A dialética do método regressivo-progressivo em dois temas brasileiros: cidade e campo**. 35° Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 2011. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/35-encontro-anual-da-anpocs/mr-5/mr17/1279-a-dialetica-do-metodo-regressivo-progressivo-em-dois-temas-brasileiros-cidade-e-campo/file>>. Acesso em fev. 2023.

PERIFERIA EM MOVIMENTO. **Aberta a Exposição Cartograffiti no Centro Cultural São Paulo**. 26 de jan. 2015. Disponível em: <<https://periferiaemmovimento.com.br/aberta-a-exposicao-cartograffiti-no-centro-cultural-sao-paulo/>>. Acesso em abr. 2023

PERIFERIA EM MOVIMENTO. **Grajaú, território de artistas**. São Paulo, 21 de set. 2016. Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/grajau-territorio-de-artistas/>>. Acesso em abr. 2023.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Edital Redes e Ruas**. Secretaria Municipal de Cultura; Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania; Secretaria Municipal de Serviços. Edital n.º01/2014. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/237346192/edital-Redes-e-Ruas-Prefeitura-de-SP>>. Acesso em mar. 2023.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Lei N.º 11.325 de 29 de dezembro de 1992**. Dispõe sobre a criação de casas de cultura na secretaria municipal de cultura, e dá outras providências. Legislação Municipal. São Paulo, dez. 1992. Disponível em: <<http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-11325-de-29-de-dezembro-de-1992#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2011.325%2C%20DE%2029%20DE%20DEZEMBRO%20DE%201992.&text=217%2F1992%20%2D%20Executivo-Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20cria%C3%A7%C3%A3o%20de%20casas%20de%20cultura%20na%20secretaria,lhe%20s%C3%A3o%20conferidas%20por%20Lei>>. Acesso em dez. 2022.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Programa Municipal de Fomento à Cultura da Periferia**. Secretaria Municipal de Cultura. Edital n.º 11/2022. Disponível em:



<<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/Edital%207a%20Edicao%20Fomento%20a%20Periferia.pdf>>. Acesso em mar. 2023.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Programa VAI**. Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. [s.d.]. Disponível em: <<https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/projeto/679/>>. Acesso em mar. 2023.

PROJETO CARTOGRAFFITI. **Estrada Canal do Cocaia - São Paulo**. 27 de jun. 2013. Facebook: Cartograffiti. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Cartograffiti/photos/pb.100080293463575.-2207520000.322688307863480/?type=3>>. Acesso em abr. 2023.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. 4° ed. São Paulo. EDUSP, 2020.

SANTOS, M. **Território e Dinheiro**. Livro: Território, territórios: ensaios sobre ordenamento territorial. Coleção Espaço, Território e Paisagem. 3° ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6° ed. Editora Record. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6539553/mod\\_resource/content/1/8.%20Milton%20Santos%20-%20Por%20uma%20outra%20globaliza%C3%A7%C3%A3o-Record%20%282001%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6539553/mod_resource/content/1/8.%20Milton%20Santos%20-%20Por%20uma%20outra%20globaliza%C3%A7%C3%A3o-Record%20%282001%29.pdf)>. Acesso em abr. 2023.

SEADE. **SEADE lança perfil da cidade de São Paulo**. 22 de jan. de 2019. Disponível em: <<https://www.seade.gov.br/seade-lanca-perfil-da-cidade-de-sao-paulo/>>. Acesso em nov. de 2023.

SHAWLIN. **Afirmção de Vida**. Vídeo de 18 de abr. 2011. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/shawlin/1114899/>>. Acesso em nov. de 2023.

SILVEIRA, M. L. **O espaço em pedaços**. Campinas, 2011. Disponível em: <[http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542011000900007&lng=pt&nrm=iso](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542011000900007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em nov. de 2023.

SOUZA, M. A. **Apresentação: Milton Santos, um revolucionário**. Buenos Aires, 2005. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/ppgdttsa/files/2014/10/Texto-Santos-M.-O-retorno-do-territorio.pdf>>. Acesso em nov. de 2023.

SP GRAFITE. **Cartograffiti**. São Paulo, [s.d.] 2015. Disponível em: <<https://spgrafite.wixsite.com/inicio/cartograffiti>>. Acesso em mar. 2023.

TJABBES, B. A. L. **Políticas culturais municipais em São Paulo (1935-2016), uma abordagem territorial**. Universidade de São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://bdta.abcd.usp.br/item/003037062>>. Acesso em dez. 2022.